EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE SOBRE PLANTAS MEDICINAIS: EXPERIÊNCIAS DA PRÁTICA EDUCATIVA EXTENSIONISTA

Autor(res)

João Paulo Assunção Borges
Vitória Tonsica Marcato
Heloiza Matos De Oliveira
Rayane Borges De Andrade
Lucas Silva Peixoto
Fernanda Ferreira Evangelista

Categoria do Trabalho

6

Instituição

UFMS - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

Introdução

O envelhecimento populacional é um fenômeno decorrente da transição demográfica e epidemiológica, identificado no Brasil e mundo. A mudança no perfil de adoecimento tem evidenciado aumento da incidência e prevalência de doenças crônicas não transmissíveis, sobretudo na população idosa, necessitando de serviços que respondam integralmente e continuamente às demandas de saúde (Romeno e Maia, 2022; Mouzinho et al., 2024).
Diante desse cenário, a pessoa idosa é considerada a principal consumidora e a maior beneficiária da farmacoterapia moderna. Entretanto, a falta de recursos financeiros, a escassez de informações e o difícil acesso aos serviços de saúde configuram barreiras na utilização de medicamentos alopáticos por esse público-alvo. Logo, a fitoterapia e o uso de plantas medicinais se inserem como importantes abordagens terapêuticas no tratamento de determinadas doenças e condições de saúde, ganhando cada vez mais destaque entre os idosos devido à tradição cultural, baixo custo e fácil disponibilidade (Júnior et al, 2023).
A implementação de políticas públicas e programas de saúde com ênfase na fitoterapia no Brasil, com destaque a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF) evidencia a necessidade da promoção do acesso seguro, eficaz e terapêutico desses compostos, na perspectiva da integralidade da atenção à saúde, a fim de propor iniciativas que assegurem a correta utilização das plantas medicinais e fitoterápicos, diminuindo os riscos e aumentando os benefícios com sua utilização (Brasil, 2016; Macedo et al, 2020).
Nesse sentido, é evidente a inserção e manutenção de práticas fitoterápicas pelos idosos, tornando-se importante abordar a temática, unindo o saber popular com as evidências técnicas e científicas. Assim, objetivou-se relatar a experiência de ações de educação popular em saúde sobre plantas medicinais e fitoterapia em um centro de convivência do idoso, em Coxim, região norte de Mato Grosso do Sul (MS).

Objetivo

Relatar a experiência de ações de educação popular em saúde sobre plantas medicinais e fitoterapia em um centro de convivência do idoso, em Coxim, região norte de Mato Grosso do Sul (MS).

Material e Métodos

Este trabalho trata-se de um relato de experiência, de cunho descritivo e analítico, das ações de educação popular em saúde realizadas por profissionais da rede municipal de Coxim/MS em parceria com docentes e acadêmicos de Enfermagem de uma Instituição de Ensino Superior (IES), pública e federal. Propõe-se, ademais, refletir sobre a interface entre educação popular e extensão universitária, haja vista que as ações foram desenvolvidas no âmbito de um programa extensionista direcionado às pessoas idosas que frequentam um centro de convivência. As atividades de extensão ocorrem semanalmente, promovendo espaços de construção de conhecimento, aliando os saberes populares aos científicos, aproximando o universo acadêmico da comunidade em que se insere.

Especificamente, idealizou-se promover oficinas caracterizando processos educativos que abordassem o uso de plantas medicinais e a fitoterapia por pessoas idosas. Na primeira ação, os participantes foram convidados a identificar esses exemplares e compartilhar as informações acerca dos nomes e indicações principais. A cada planta apresentada, os profissionais de saúde validam as informações e complementam com outras adicionais. Ao final, os idosos acrescentaram outros nomes de plantas com propriedades medicinais para serem elucidadas no próximo encontro. Na segunda atividade, foram trabalhados esses nomes, ampliando e aprofundando as discussões.

Além dos levantamentos de informações, pesquisas realizadas, planejamento das atividades, observou-se a participação e interação dos idosos com os profissionais e acadêmicos, potencializando a capacidade de reflexão e norteando a construção de processos educativos acadêmicos para além das salas de aula, cumprindo o papel formador da extensão. Ao se considerar as ações extensionistas como práticas sociais, processos educativos acontecem por meio da comunicação e interação estabelecida entre indivíduos e em contextos socioambientais diversos.

Resultados e Discussão

Foram 29 plantas medicinais citadas pelos idosos, conforme Tabela 1, a seguir. Observou-se grande diversidade de plantas medicinais, com diferentes indicações, em sua maioria relacionadas ao alívio de sinais e sintomas de doenças. Diferentes estudos mostraram uma variabilidade de plantas, conforme a localidade geográfica, cultura regional, fatores históricos e econômicos.

Durante as ações, foi possível identificar que é comum o uso de plantas medicinais pelas pessoas idosas. O grupo de participantes das ações é caracterizado, em sua maioria, por mulheres com idades entre 60 e 82 anos, que apresentam diferentes tipos de comorbidades, sendo mais comuns as doenças crônicas não transmissíveis, como hipertensão arterial, diabetes e dislipidemia. Presume-se que o uso das plantas medicinais seja concomitante aos tratamentos convencionais, sobretudo medicamentos de uso contínuo. Outro aspecto que chama atenção, é que os idosos compartilham essas plantas, indicando seu uso para outros indivíduos da família e comunidade.

Patrício e colaboradores (2022) encontraram evidências, por meio de um estudo de revisão, que corroboram esses dados. Uma pesquisa mostrou que 81% dos indivíduos utilizam plantas medicinais e 71,5% por indicações de familiares. Outro estudo observou que a maioria dos que utilizavam plantas medicinais eram mulheres idosas e com baixa renda familiar. Atribuiu-se esse perfil devido às condições estruturais da sociedade em que as mulheres habitualmente exercem atividades domésticas e de cuidado dos familiares, bem como cultivo de plantas nesse contexto socioambiental. Por isso, pode-se inferir que as mulheres detém mais informações sobre as plantas medicinais, fazendo uso frequentemente por serem acessíveis ao alcance no próprio domicílio.

Uma consideração importante é sobre a necessidade de expandir esse conhecimento de forma abrangente na comunidade e entre as equipes de saúde, para que alcance a população como um todo, em diferentes contextos.

Assim, pode-se esperar que mais pessoas utilizem os recursos naturais, de forma sustentável em seus territórios, preservando e respeitando os aspectos culturais da comunidade.

Apesar dos aspectos sociais e culturais que difundem o uso de plantas medicinais, ainda perduram dificuldades e problemas associados à falta de conhecimento dos usuários sobre indicações, contraindicações, segurança, benefícios e os riscos no uso dessas plantas. Em geral, as indicações são mais conhecidas, ao passo que os usuários não sabem corretamente as contraindicações e os possíveis efeitos colaterais, atribuindo benefícios por se tratar de um produto natural.

No Brasil, uma estratégia de ampliação institucionalizada e segura do uso de plantas medicinais é o programa Farmácia Viva, de assistência farmacêutica que prepara, prescreve e dispensa fitoterápicos na rede pública de saúde. Além disso, orienta sobre o uso de plantas, aumentando a eficácia e segurança dessa prática. É possível abordar conhecimentos e usos populares das plantas, associando-os a evidências científicas, bem como produzir fitoterápicos seguros para uso da população, considerando também efeitos colaterais e contraindicações de cada um.

Ao longo da formação dos profissionais da saúde, os temas relacionados às plantas medicinais são pouco abordados, produzindo menos conhecimento e mais limitações por falta de informação. Também são escassas as pesquisas científicas, resultando em menor incentivo e divulgação para a população. Por conta disso, torna-se difícil promover o uso seguro e cientificamente evidenciado. A necessidade de melhorar a formação profissional, perpassa por ações integradas de ensino, pesquisa e extensão universitária, uma vez que é incipiente o conhecimento acerca de como se identificar corretamente as plantas, da forma adequada de uso, da dose a ser indicada, das possíveis interações medicamentosas, efeitos adversos e toxicidades envolvidas.

Conclusão

Há grande diversidade de plantas medicinais, com diferentes indicações, em sua maioria relacionadas ao alívio de sinais e sintomas de doenças comuns na comunidade. Essa variabilidade está associada à localidade geográfica, cultura regional, fatores históricos e econômicos. O perfil de usuários de plantas medicinais é constituído por mulheres idosas, destacando o seu papel na produção, no manejo, no uso e no compartilhamento de conhecimentos tradicionais.

Referências

Almeida, M.Z. Plantas medicinais 2 ed. Salvador, EDUFBA. 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

JÚNIOR, J. de R. M. L. et al. Uso de plantas medicinais por idosos: Conhecimento dos riscos e benefícios. Nursing (São Paulo), v. 26, n. 298, p. 9509-9522, 24 mar. 2023. Disponível em: https://doi.org/10.36489/nursing.2023v26i298p9509-9522. Acesso em: 31 ago. 2024.

LORENZI, Harri; KINUPP, Valdely Ferreira. Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil. São Paulo: Plantarum, 2014.

MACEDO, L. P. V. et al. Conhecimento e uso de plantas medicinais por idosos atendidos na atenção primária à

saúde. Envelhecimento Humano no Século XXI: atuações efetivas na promoção da saúde e políticas sociais. Campina Grande: Realize Editora, 2020. p. 384-404. Disponível em: https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/64864. Acesso em: 31 ago. 2024.

MOUZINHO, J. H. G. et al. Fitoterapia e Plantas Medicinais no Centro de Convivência do Idoso. Caderno Impacto em Extensão, Campina Grande, v. 5, n. 2, 2024. Disponível em: https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/cite/article/view/2734. Acesso em: 31 ago. 2024.

PATRÍCIO, K. P.; MINATO, A. C. dos S.; BROLIO, A. F.; LOPES, M. A.; BARROS, G. R. de; MORAES, V.; BARBOSA, G. C. O uso de plantas medicinais na atenção primária à saúde: revisão integrativa. Ciênc. Saúde Colet. (Impr.); v. 27, n. 2, p. 677-686, 2022.

ROMENO, D.; MAIA, L. A epidemiologia do envelhecimento: novos paradigmas? Texto para discussão nº 90, Projeto Saúde Amanhã, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2022. Disponível em: https://saudeamanha.fiocruz.br/wp-content/uploads/2022/06/Romero_D_-Maia-L_A-epidemiologia-do-envelhecimento_novos-paradigmas_TD_90_versao_final.pdf. Acesso em: 31 ago. 2024.